

Investigação Científica nas Ciências Humanas 3

Marcelo Máximo Purificação
(Organizador)

Atena
Editora
Ano 2019

Investigação Científica nas Ciências Humanas 3

Marcelo Máximo Purificação
(Organizador)

Atena
Editora
Ano 2019

2019 by Atena Editora
Copyright © Atena Editora
Copyright do Texto © 2019 Os Autores
Copyright da Edição © 2019 Atena Editora
Editora Chefe: Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira
Diagramação: Geraldo Alves
Edição de Arte: Lorena Prestes
Revisão: Os Autores



Todo o conteúdo deste livro está licenciado sob uma Licença de Atribuição Creative Commons. Atribuição 4.0 Internacional (CC BY 4.0).

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores. Permitido o download da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

Conselho Editorial

Ciências Humanas e Sociais Aplicadas

Profª Drª Adriana Demite Stephani – Universidade Federal do Tocantins
Prof. Dr. Álvaro Augusto de Borba Barreto – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Alexandre Jose Schumacher – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Mato Grosso
Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília
Prof. Dr. Constantino Ribeiro de Oliveira Junior – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa
Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia
Prof. Dr. Edvaldo Antunes de Faria – Universidade Estácio de Sá
Prof. Dr. Eloi Martins Senhora – Universidade Federal de Roraima
Prof. Dr. Fabiano Tadeu Grazioli – Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná
Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionele delle Figlie de Maria Ausiliatrice
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense
Profª Drª Keyla Christina Almeida Portela – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Mato Grosso
Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Marcelo Pereira da Silva – Universidade Federal do Maranhão
Profª Drª Miranilde Oliveira Neves – Instituto de Educação, Ciência e Tecnologia do Pará
Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Rita de Cássia da Silva Oliveira – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Sandra Regina Gardacho Pietrobon – Universidade Estadual do Centro-Oeste
Profª Drª Sheila Marta Carregosa Rocha – Universidade do Estado da Bahia
Prof. Dr. Rui Maia Diamantino – Universidade Salvador
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

Ciências Agrárias e Multidisciplinar

Prof. Dr. Alan Mario Zuffo – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Alexandre Igor Azevedo Pereira – Instituto Federal Goiano
Profª Drª Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná
Prof. Dr. Darllan Collins da Cunha e Silva – Universidade Estadual Paulista
Profª Drª Diocléa Almeida Seabra Silva – Universidade Federal Rural da Amazônia
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
Profª Drª Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Prof. Dr. Jorge González Aguilera – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Júlio César Ribeiro – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas

Ciências Biológicas e da Saúde

Prof. Dr. Benedito Rodrigues da Silva Neto – Universidade Federal de Goiás
Prof. Dr. Edson da Silva – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri
Profª Drª Elane Schwinden Prudêncio – Universidade Federal de Santa Catarina
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. José Max Barbosa de Oliveira Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Profª Drª Magnólia de Araújo Campos – Universidade Federal de Campina Grande
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federaci do Rio Grande do Norte
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande

Ciências Exatas e da Terra e Engenharias

Prof. Dr. Adélio Alcino Sampaio Castro Machado – Universidade do Porto
Prof. Dr. Alexandre Leite dos Santos Silva – Universidade Federal do Piauí
Profª Drª Carmen Lúcia Voigt – Universidade Norte do Paraná
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Fabrício Menezes Ramos – Instituto Federal do Pará
Prof. Dr. Juliano Carlo Rufino de Freitas – Universidade Federal de Campina Grande
Profª Drª Neiva Maria de Almeida – Universidade Federal da Paraíba
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)	
162	<p>Investigação científica nas ciências humanas 3 [recurso eletrônico] / Organizador Marcelo Máximo Purificação. – Ponta Grossa, PR: Atena Editora, 2019. – (Investigação Científica nas Ciências Humanas; v. 3)</p> <p>Formato: PDF Requisitos de sistemas: Adobe Acrobat Reader Modo de acesso: World Wide Web Inclui bibliografia ISBN 978-85-7247-718-5 DOI 10.22533/at.ed.185191710</p> <p>1. Ciências humanas. 2. Investigação científica. 3. Pesquisa social. I. Purificação, Marcelo Máximo. II. Série.</p> <p style="text-align: right;">CDD 300.72</p>
Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422	

Atena Editora
Ponta Grossa – Paraná - Brasil
www.atenaeditora.com.br
contato@atenaeditora.com.br

APRESENTAÇÃO

O livro *Investigação Científica nas Ciências Humanas e Sociais Aplicadas 3*, tem por objetivo alargar o diálogo entre pesquisadores e difundir trabalhos desenvolvidos nessas áreas do conhecimento.

Uma obra constituída de 29 artigos, de autores e instituições de diferentes regiões do país que abordam temas diversos e perpassam com maestria importantes discussões das Ciências Humanas e Sociais Aplicadas.

Nesse sentido, este livro está organizado em duas seções. A primeira composta por 15 artigos que versam sobre as Ciências Humanas estabelecendo liames com temas como: arte, didática, ensino, formação de professores, política educacionais, evasão escolar, fracasso escolar, entre outros.

A segunda seção composta por 14 artigos, estabelece uma relação dialógica com temas interdisciplinares discutidos a partir da lupa das Ciências Sociais Aplicadas e das condições humanas na perspectiva social, a saber: instituições sociais, organizações, inclusão social, desenvolvimento sustentável, bem-estar, tecnologias, dentre outros.

Nos artigos desta coletânea, o leitor poderá identificar que os autores lançam diferentes olhares sobre temas que são amplamente discutidos nas Ciências Humanas e Sociais Aplicadas, numa linguagem acessível, deixando perceber o gosto e o valor da atitude de pesquisar.

Esperamos que a aproximação das temáticas dos artigos com os contextos sociais e com as relações do cotidiano, possa inspirar você leitor/a à reflexão, no intuito de compreender seus contextos, (inter)agir sobre os mesmos.

Uma excelente leitura!

Marcelo Máximo Purificação

SUMÁRIO

PARTE I – CIÊNCIAS HUMANAS

CAPÍTULO 1	1
A ARTE NÃO TRADUZ O VISÍVEL, MAS TORNA VISÍVEL	
Aline do Carmo	
DOI 10.22533/at.ed.1851917101	
CAPÍTULO 2	13
A DIDÁTICA DESENVOLVIDA NA FORMAÇÃO INICIAL DE PROFESSORES DE EDUCAÇÃO INFANTIL, CONTRIBUI PARA A QUALIFICAÇÃO DO ENSINO DE CIÊNCIAS	
Leandro Moreira Maciel Maria Laura Brenner de Moraes	
DOI 10.22533/at.ed.1851917102	
CAPÍTULO 3	22
A IMPORTÂNCIA DA PEDAGOGIA HOSPITALAR PARA ALUNOS EM TRATAMENTO INTENSIVO	
Julia Pereira Luciane Madeira Motta Tavares Terezinha Richartz	
DOI 10.22533/at.ed.1851917103	
CAPÍTULO 4	33
A MÚSICA COMO INSTRUMENTO DE IDENTIFICAÇÃO E INTERVENÇÃO EM CONFLITOS EMOCIONAIS DE CRIANÇAS HOSPITALIZADAS	
Manfred Toninger Andreia Cristiane Silva Wiezzel	
DOI 10.22533/at.ed.1851917104	
CAPÍTULO 5	45
ANOS INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL: A IMPORTÂNCIA DAS PRÁTICAS COM A LITERATURA INFANTIL PARA A FORMAÇÃO DO LEITOR LITERÁRIO NA PERSPECTIVA DO LETRAMENTO	
Ana Carolina Batista Gisele Kühn Haddad João Derli de Souza Santos	
DOI 10.22533/at.ed.1851917105	
CAPÍTULO 6	57
ESTUDO SOBRE ERGONOMIA APLICADA AO DESIGN DE VESTUÁRIO DE CRIANÇAS COM DIFICULDADE SENSORIAL	
Raysa Ruschel Soares Lívia Accioly Menezes da Silva	
DOI 10.22533/at.ed.1851917106	

CAPÍTULO 7	63
EVASÃO ESCOLAR: CAUSAS E CONSEQUÊNCIAS NA ESCOLA JOSÉ PIO DE SANTANA IPAMERI GOIÁS (2016)	
Maira Aparecida Brandão de Freitas Marilena Julimar Fernandes	
DOI 10.22533/at.ed.1851917107	
CAPÍTULO 8	82
EVASÃO NO ENSINO TÉCNICO DE NÍVEL MÉDIO INTEGRADO: UM MAPEAMENTO DA PRODUÇÃO ACADÊMICA	
Débora da Costa Pereira Fábio André Hahn Marcos Clair Bovo	
DOI 10.22533/at.ed.1851917108	
CAPÍTULO 9	96
LETRAMENTO DIGITAL NA BNCC: CULTURA VIRTUAL NAS PRÁTICAS DE ENSINO E APRENDIZAGEM	
Amanda de Jesus Oliveira Santos Xavier Luciana Nogueira da Silva	
DOI 10.22533/at.ed.1851917109	
CAPÍTULO 10	106
O SUJEITO E O OBJETO DO FRACASSO ESCOLAR: CULPA DE MUITOS, RESPONSABILIDADE DE POUCOS	
Débora Nogueira de Moraes	
DOI 10.22533/at.ed.18519171010	
CAPÍTULO 11	117
O TRATAMENTO DADO PELAS ESCOLAS AOS ALUNOS ORIUNDOS DE FAMÍLIAS HOMOAFETIVAS	
Camila Aparecida Tavares Terezinha Richartz	
DOI 10.22533/at.ed.18519171011	
CAPÍTULO 12	127
PROMOVENDO O EMPODERAMENTO DA LÍNGUA INGLESA E DAS TECNOLOGIAS NA EDUCAÇÃO BÁSICA	
Albene Cássia Dantas Gama Teixeira	
DOI 10.22533/at.ed.18519171012	
CAPÍTULO 13	133
SEMIÓTICA DISCURSIVA NA ANÁLISE DE UM CARTAZ DO VESTIBULAR DA UEG: A QUESTÃO DO SENTIDO	
Jorge Lucas Marcelo dos Santos Maria Eugênia Curado	
DOI 10.22533/at.ed.18519171013	

CAPÍTULO 14	146
UTILIZAÇÃO DE MATERIAL MANIPULÁVEL NO ENSINO DE PRISMAS RETOS	
Nayara Borges de Oliveira Corrêa	
Rosemeire Terezinha da Silva	
Robson Lopes Cardoso	
DOI 10.22533/at.ed.18519171014	
CAPÍTULO 15	157
AS MÚLTIPLAS POSSIBILIDADES QUE SE ABREM NO ATO DE EDUCAR COM A UTILIZAÇÃO DA METODOLOGIAS ATIVAS	
Lucimara Glap	
Luiz Edemir Taborda	
Luana Eveline Tramontin	
Sani de Carvalho Rutz da Silva	
Antonio Carlos Frasson	
DOI 10.22533/at.ed.18519171015	
PARTE II – CIÊNCIAS SOCIAIS APLICADAS	
CAPÍTULO 16	166
A GRAMÁTICA EMOCIONAL DO ENVELHECIMENTO E AS DISPOSIÇÕES SOCIAIS DOS IDOSOS INSTITUCIONALIZADOS	
Angela Elizabeth Ferreira de Assis	
DOI 10.22533/at.ed.18519171016	
CAPÍTULO 17	179
A IMPORTÂNCIA DA TERAPIA ASSISTIDA POR ANIMAIS NA MELHORA DA AUTOESTIMA DA CRIANÇA HOSPITALIZADA COM CÂNCER	
Daniele Taina de Melo França	
Luís Sérgio Sardinha	
Valdir de Aquino Lemos	
DOI 10.22533/at.ed.18519171017	
CAPÍTULO 18	199
A IMPORTÂNCIA DO BIG DATA NAS ORGANIZAÇÕES	
Yasmin Teles Dos Santos	
Elisabete Tomomi Kowata	
DOI 10.22533/at.ed.18519171018	
CAPÍTULO 19	206
A OBSERVAÇÃO RELACIONAL COMO TÉCNICA DE PESQUISA SOCIAL	
Nildo Viana	
DOI 10.22533/at.ed.18519171019	
CAPÍTULO 20	219
AS CONCEPÇÕES DE ALMA EM AVICENA E O QUE SE SUCEDE DO “EXPERIMENTO MENTAL DO HOMEM SUSPENSO NO AR”	
Jonathan Alvarenga	
DOI 10.22533/at.ed.18519171020	

CAPÍTULO 21	230
AVALIAÇÃO DA QUALIDADE DE VIDA EM PACIENTES COM HANSENÍASE E PERCEPÇÕES DE SEUS FAMILIARES	
Luana Nepomuceno Gondim Costa Lima Carina Cavalcanti Nogueira Lopez	
DOI 10.22533/at.ed.18519171021	
CAPÍTULO 22	239
DIREITO E ARTE: A PERFORMANCE <i>RHYTHM 0</i> DE MARINA ABRAMOVIC E O PRINCÍPIO DA INDISPONIBILIDADE DA VIDA	
Yohana Rocha	
DOI 10.22533/at.ed.18519171022	
CAPÍTULO 23	251
INTERFACES ENTRE DESENVOLVIMENTO SUSTENTÁVEL E TURISMO SOCIAL – O CASO DO FESTIVAL ROTA DOS SABORES EM CORONEL FABRICIANO (MG)	
Betinna Almeida de Tassis	
DOI 10.22533/at.ed.18519171023	
CAPÍTULO 24	258
LEMBRANÇAS DE DONA ZITA: UMA PESQUISA DE HISTÓRIA DE VIDA	
Hélio Fernando Lôbo Nogueira da Gama	
DOI 10.22533/at.ed.18519171024	
CAPÍTULO 25	270
MEMÓRIAS DOS ADULTOS DA COMUNIDADE QUILOMBOLA SAGRADO CORAÇÃO DE JESUS RIO GENIPAÚBA ABAETETUBA PARÁ: MOTIVOS QUE CULMINARAM PARA INTERRUPTÃO DOS ESTUDOS NO PASSADO E PERSPECTIVAS DE RETORNO NO PRESENTE	
Thiago Maciel Vilhena Raiane Ribeiro Cardoso Francilene Farias Valente Ana Marcia Gonzaga Rocha Marlea de Nazaré Sobrinho Costa Holdamir Martins Gomes	
DOI 10.22533/at.ed.18519171025	
CAPÍTULO 26	283
O CONCEITO DE IDEOLOGIA NAS HISTÓRIAS EM QUADRINHOS	
Abigail Ferreira Campos	
DOI 10.22533/at.ed.18519171026	
CAPÍTULO 27	291
O USO DA ENTREVISTA COMO TÉCNICA DE COLETA DE DADOS EM DISSERTAÇÕES DA ENFERMAGEM	
Cristiane Lopes Amarijo Aline Belletti Figueira Alex Sandra Ávila Minasi	
DOI 10.22533/at.ed.18519171027	

CAPÍTULO 28	299
PROJETAR PARA O BEM-ESTAR: BREVE ANÁLISE DA RELAÇÃO DAS PESSOAS COM OS BENS MATERIAIS	
Maria Carolina Frohlich Fillmann	
Ulisses Filemon Leite Caetano	
Jéssica Collet	
DOI 10.22533/at.ed.18519171028	
CAPÍTULO 29	317
REFLEXÕES SOBRE O CONSUMO DE ARTESANATO NA INTERNET	
Nicole Rochele Cardoso Brancher	
DOI 10.22533/at.ed.18519171029	
SOBRE O ORGANIZADOR	329
ÍNDICE REMISSIVO	330

LEMBRANÇAS DE DONA ZITA: UMA PESQUISA DE HISTÓRIA DE VIDA

Hélio Fernando Lôbo Nogueira da Gama

Universidade Estadual de Santa Cruz,
Departamento de Filosofia e Ciências Humanas
Ilhéus - Bahia

RESUMO: Objetivamos a percepção das potencialidades da aplicação de princípios do método de história de vida enquanto ferramenta para a investigação social. A maior parte dos trabalhos segundo ele é amplamente descritiva. Nesta modalidade de pesquisa as declarações do pesquisado são checadas para a verificação da fidedignidade dos dados, com o pesquisador analisando as categorias sociológicas mais relevantes. A importância da análise de histórias de vida é que os resultados dessa metodologia, se não podem ser generalizados para propor teorias, podem ser utilizados para avaliá-las e rejeitá-las. Outra potencialidade refere-se ao necessário contato direto do pesquisador com o sujeito pesquisado, o que pode abrir outras áreas de investigação tangentes ao assunto principal. A análise da história de vida de Dona Zita, 69 anos, dona de casa, entrevistada em outubro de 1997, é um ensaio de compreensão de categorias sociológicas percebidas nas descrições que realiza. As principais são: instituição família patriarcal; educação formal e informal tradicional; elite rural goiana; empreendedorismo e caos fundiário; exploração

de classe, apropriação do trabalho e relações de compadrio. Infere-se as potencialidades do método na análise de referências empíricas de conceitos sociológicos, afirmando-os e/ou negando-os em sua capacidade de explicações generalistas sobre o real. A memória social, o processo de construção da identidade, elementos de história oral, traços das raízes da cultura popular até então não registrados ou analisados vêm à tona e se tornam parte do presente, constituem-se em legado e fio condutor para a análise das atuais e próximas gerações de cientistas sociais.

PALAVRAS-CHAVE: Sociologia; Metodologia; História de Vida.

ZITA'S REMINDERS: A LIFE HISTORY SURVEY

ABSTRACT: We aimed to perceive the potentialities of applying life history method principles as a tool for social investigation. Most of the works according to the same is broadly descriptive. In this type of research, the respondent's statements are checked to verify the reliability of the data, with the researcher analyzing the most relevant sociological categories. The importance of life story analysis is that the results of this methodology, if they cannot be generalized to propose theories, can be used to evaluate and reject them. Another

potentiality refers to the necessary direct contact of the researcher with the researched subject, which may open other areas of investigation tangent to the main subject. The analysis of Dona Zita's 69-year-old housewife's life story, interviewed in October 1997, is an essay on understanding sociological categories perceived in her descriptions. The main ones are: patriarchal family institution; traditional formal and informal education; Goiás rural elite; entrepreneurship and land chaos; class exploitation, work appropriation and crony relations. The method's potentialities are inferred in the analysis of empirical references of sociological concepts, affirming and / or denying them in their capacity for generalist explanations of the real. Social memory, the process of identity construction, oral history elements, traces of the roots of popular culture not previously recorded or analyzed come to the fore and become part of the present, constitute legacy and guiding thread for the analysis of current and next generations of social scientists.

KEYWORDS: Sociology; Methodology; Life's history.

1 | INTRODUÇÃO

Objetivamos a percepção das potencialidades da aplicação de princípios do método de história de vida enquanto ferramenta para a investigação social.

A análise de histórias de vida que “[...] deve revelar as relações entre um indivíduo e seu meio ambiente” (CUIN; GRESLE, 1996, p.193) tem como contexto as investigações de campo realizadas nos Estados Unidos após a Primeira Guerra Mundial pela Escola de Chicago. A maior parte dos trabalhos segundo o método é amplamente descritiva, com as declarações do pesquisado sendo checadas para a verificação da fidedignidade dos dados e o pesquisador analisando as categorias sociológicas mais relevantes.

A importância da análise de histórias de vida é que os resultados dessa metodologia, se não podem ser generalizados para propor teorias, podem ser utilizados para avaliá-las e rejeitá-las. Outra potencialidade refere-se ao necessário contato direto do pesquisador com o sujeito pesquisado, o que pode abrir outras áreas de investigação tangentes ao assunto principal.

A psicologia social direcionou o método para o campo da psicologia. Não é esse o nosso *métier*

Como sociólogos, não nos interessa aquilo que A e B sentem como indivíduos, no curso acidental de suas próprias experiências pessoais - interessa-nos apenas aquilo que sentem e pensam como membros de uma dada comunidade. E enquanto membros de uma comunidade, seus estados mentais recebem uma determinada marca, tornam-se estereotipados pelas instituições em que vivem, pela influência da tradição e do folclore, pelo próprio veículo do pensamento, quer dizer, pela linguagem. O ambiente sociocultural em que vivem acaba por forçá-los a pensar e a sentir de um modo definido (MALINOWSKI, 1986, p.46).

A análise da história de vida de Dona Zita, 69 anos, dona de casa, entrevistada em outubro de 1997, é um ensaio de compreensão de categorias sociológicas

percebidas nas descrições que realiza.

2 | LEMBRANÇAS DE DONA ZITA



Hélio Gama – dez./ 2018

Nasci no dia 06 de fevereiro de 1928 na antiga capital do estado de Goiás, na casa da minha avó paterna. Depois, quando eu fiquei maior, fui morar com meus pais na fazenda, foi uma vida difícil.

Meu pai no começo de vida se casou muito novo, com 20 anos, minha mãe com 17. Meu pai era um homem muito trabalhador; trabalhou em plantação de cana e cuidou da agricultura. A morada era simples, mas a minha mãe era uma pessoa muito cuidadosa: a casa sempre limpinha. Ela gostava de fazer muitas coisas, muitos doces, eu passava o ano todo comendo os doces que ela fazia. O meu pai mesmo fazia as rapaduras, o açúcar mascavo. Depois botava dentro do carro de boi e levava para vender na cidade. Eu era muito pequena, mas me lembro bem disso. Meu pai depois viu que o preço era muito baixo, não estava compensando o trabalho que dava e resolveu partir para a pecuária. Aí que ele começou a melhorar a vida quando começou a comprar e vender bois. Meu pai era de pouco estudo, mas muito inteligente, tudo que ele fazia ele não perdia, sempre lucrava.

Quando eu tinha oito para nove anos meus pais me levaram com minha irmã para estudar interna num colégio lá em Goiás Velho, o Colégio Santana, das irmãs dominicanas. Eu gostava muito do colégio. Era um colégio que tinha certa liberdade... A gente brincava muito, estudava também. Era um colégio enorme. Lembro que tinha um parreiral: a gente passava debaixo dele, as uvas todas verdes. Roubava uvas, as

irmãs não gostavam, às vezes botavam a gente de castigo. A gente gostava muito das freiras. Tinha uma irmã Celeste que tomava conta do refeitório na hora do almoço; a gente era obrigada a comer até as coisas que não gostava.

Me marcou muito quando meu pai ia nos visitar. Ficava apreensiva com medo de chegar as férias e ele não ir lá nos buscar. Meu pai fazia um sacrifício danado para a gente estudar. No começo ele era pobre e ia a cavalo nos visitar. Lembro que a gente estava estudando e a freira chegava à porta dizendo que meu pai estava a nossa espera. Saía toda contente para ir lá ver onde ele estava esperando. Depois de nos levar para tomar sorvete, almoçar, dormíamos no hotel com ele. Lembro-me das vezes em que a gente ia ao cinema, passava aqueles filmes... Gostava de ver os filmes, era em preto e branco, a tela era pequena, quadradinha. A gente se divertia, mas não me lembro do nome de nenhum filme dessa época.

Nesse período perdi meu avô por parte de meu pai. Ele era um homem muito rico. Ele tinha dez filhos e doze fazendas. Cada filho herdou uma fazenda e meu pai herdou a fazenda que ele cuidava desde rapaz quando se casou.

Quando meu pai já era pecuarista estava bem de vida na fazenda. Tinha feito uma casa boa. A casa tinha acho que cinco quartos, uma sala grande... Naquela época não tinha televisão, nem rádio na fazenda, nem luz elétrica, nem muito menos telefone. A gente viveu quase que isolada no tempo.

A vida na fazenda era uma vida muito boa, muito tranquila. Na minha infância trabalhei muito ajudando a minha mãe. Ela inventava coisa para a gente fazer. Tudo era feito em casa mesmo: o arroz era beneficiado na fazenda, tinha o monjolo... Depois a gente mesmo preparava o arroz, abanava o arroz, catava os marinhoiros do arroz e minha mãe fazia. Refinava o açúcar e enchia os vidros enormes de açúcar todo refinado e peneirado. A gente mesmo que moía o café no moinho manual; ela gostava de encher latas e latas do café torrado e moído em casa. Quem torrava o café era eu, a mais velha. Ficava quase que o dia inteiro só torrando o café. Na beira do córrego tinham muitos pés de goiaba. O empregado ia lá e pegava latas e latas de goiaba: nós íamos fazer doce de goiaba. Era uma dificuldade danada, que aquilo espirra feito o danado. Enchia as caixetas de goiabada que ela fazia muito bem e dava para a gente comer o ano inteiro. Doce de requeijão, queijo, doce de leite em grande quantidade, era muita fartura aqueles tempos. Minha mãe no fogão de lenha; era muito divertido. Nessa época já não gostava mais da fazenda por causa dessa trabalhadeira toda.

Os trabalhadores na fazenda era regime, como se fala, militar não, escravidão. Meu pai era rigorosíssimo. Eles tinham que chegar clareando o dia. Se chegasse depois que o sol tivesse nascido ele não recebia o empregado, mandava embora. Eles moravam em casa de empregados, eram agregados e tinham que trabalhar de sol a sol. Quando escurecia, começava a escurecer, era hora de ir embora para casa. Mas era assim, eles tinham boa alimentação, eles comiam três refeições fartas por dia. A primeira refeição era às oito e meia da manhã. Era um almoço completo,

minha mãe fazia com arroz, feijão, carne-seca com mandioca, bastante carne. Meu pai levava dentro de uma bacia grande essa comida com os pratos na quantia dos empregados que tinha lá; ele levava de cavalo. Almoçavam, mas não tinha esse negócio de uma hora para o almoço coisa nenhuma; acabava de almoçar começava a trabalhar novamente. Acho que sempre teve uma exploração do homem, nunca tinham nada, trabalhavam feito um danado e ficavam devendo. Meu pai tinha um caderninho que ia anotando as despesas deles. Compravam fiado, depois eles iam pagando sabe Deus como, alimento, quilo disso, quilo daquilo, de arroz.

Agora, eles podiam plantar roças, mas a metade era do meu pai: era meio a meio esse trabalho que eles faziam. Quando era época de roçar pastos eles trabalhavam para o meu pai; quando passava, e era época de plantar, eles plantavam as roças deles, o arroz, o feijão, café, milho. Aí a metade era deles e a metade era do meu pai.

Lembro bem que meu pai gostava de matar boi para ter carne em casa. Papai dividia com eles a carne e aí papai não cobrava a carne não. Dava para eles uma quantidade grande, assim... Eu lembro até que eles saíam com uma parte do boi nas costas e levavam para as casas.

Era cobrado o querosene, eles não tinham dinheiro para comprar na cidade. Era o toucinho, às vezes o porco - eles não criavam porco, né? Às vezes o mantimento deles não dava até a outra safra e eles iam lá à fazenda comprar. Compravam café, compravam farinha... Às vezes encomendavam com meu pai para ir à cidade comprar as coisas para eles, que precisavam, por exemplo, remédios, calçados, roupas, essas coisas todas... Meu pai tinha um caderno que ia anotando aquilo, né? Não me lembro se eles recebiam dinheiro no final do mês. Não sei nem se papai pagava salário. Eu era muito pequena nesta época, não me lembro não, só lembro disso: que eles trabalhavam desde de manhã, desde a hora que chegavam. Eu via muitas vezes o empregado voltar para traz porque ele não aceitava que tinha chegado atrasado, estava tarde, o sol já tinha aparecido...

Papai nunca brigava com os empregados. Brigava com esses invasores da terra dele lá, né? Ele era o dono das terras e o Estado vendia o pedaço das terras dele para outros. O Estado não tinha aquele controle de quem era dono da terra, né? Ele tinha a escritura da terra, mas os outros também tinham. Aí que dava briga. Meu pai sempre teve encrencas com gente que o Estado vendia terras dele. As pessoas se apoderaram das terras dele com escritura e tudo. Então meu pai tinha que provar na justiça que ele que tinha comprado primeiro, que ele que era o dono, que era herança do meu avô, que também tinha escritura. Então como era tudo muito lento, a justiça como sempre até hoje, então aquilo ali ele tinha quase que expulsar na marra.

Eu lembro bem que um invasor fez uma cerca de arame, cercou lá com arame dele. Chegaram lá na fazenda do meu pai contando que a fazenda do homem, chamava seu Conserva (era um alto, assim moreno, quase preto, alto), tinha cercado a fazenda. Meu pai não teve conversa. Botou um revólver na cintura, chamou os empregados, os peões, levou uma junta de bois atrelados para lá. Meu pai em cima

do cavalo, com revólver na mão, mandou o empregado atrelar a junta de bois no arame, tocou o boi e foi arrancando o arame a Deus por canto, e foi arrancando tudo. Enquanto isso, lá vem o senhor Conserva. Papai, de cá de longe, grita: “Alto lá, se andar mais um passo morre”. Eu sei que foi assim que meu pai conseguiu reaver as terras dele, até que o cara encheu e o governo deu outras terras para ele noutra lugar.

Tinha festa religiosa na fazenda. Na festa do Divino Espírito Santo chegavam aqueles do festejo, tudo montado a cavalo enfeitados com papel vermelho e amarelo. Chegavam à porta da casa da fazenda e pediam a meu pai licença para entrar. Aí entravam, eu não lembro se rezavam não. Mas dançavam uma catira, que era a música regional de Goiás, né? Aí minha mãe servia doces para eles, café, umas trinta ou quarenta pessoas a cavalo, tudo com bandeirinha vermelha, assim... Era até animado, bonito, e aí o dono da casa tinha que dar uma oferenda. Meu pai sempre dava dinheiro para eles. Eu não sei o que eles faziam com dinheiro não, mas meu pai sempre dava. Eles chegam assim por volta de manhã cedo. Não dormiam lá e depois seguiam em frente.

Outra coisa que me marcou muito na fazenda foi a festa de São João. Meu pai fazia fogueira enorme de madeira, madeira velha e tudo... Fazia fogueira, minha mãe preparava doce, pé-de-moleque, assava batata doce. Por incrível que pareça tinha um senhor lá, chamado seu Vicente (até meu compadre, eu batizei uma filha dele), mas se eu contar ninguém vai acreditar. Depois que a fogueira acabava, depois que a madeira queimava todinha, que ficava aquele braseiro todinho, ele arregaçava as calças até a altura do joelho, tirava o sapato e atravessava até o final. Ia e voltava em cima das brasas. A gente ouvia os chiados das brasas no pé dele e não queimava o pé, era impressionante. Depois que ele voltava, a gente falava: “Vamos ver os pés dele”: sem um queimado. Aí a gente perguntava por que não queimava. Ele falava: “Eu ergo meu pensamento a Deus e peço a São João, porque São João morreu assado na fogueira dizendo que na hora em que já estava assado de um lado, ele pedia: ‘pode assar do outro lado que este já está assado’, então com fé...” Pode perguntar as minhas irmãs que todas são testemunhas, e ele ainda tá vivo, lá em Anicuns.

Aí que mais que tem na fazenda? Meu pai sempre trabalhou na fazenda, depois ele foi progredindo na vida, ficou bem de vida. Meu avô morreu, ele herdou a fazenda, mais terra... Depois a mãe dele faleceu também, ele herdou mais terra da minha avó. Sempre foi um homem muito trabalhador, ponderado, não gastava com nada. Sei que anos depois ele estava bem de vida, fez casa nova na fazenda, já tinha luz elétrica, geladeira, isso foi no ano de 1964, 1966...

Fomos estudar no colégio em Campinas, ficamos internas no Santa Clara. Ali já era diferente. As irmãs eram de outra ordem, mais rigorosas, descendentes de alemães, muito rígidas. Lembro-me bem o que me marcou: eu adoeci, fiquei muito doente no colégio. Meu pai ficou sem saber de nada, nem minha mãe. Uma prima minha é que mandou o recado escondido, avisando a minha vó que eu estava enferma.

Meu pai foi lá, invadiu o colégio na marra e me tirou de lá, da enfermaria onde eu me encontrava. Mesmo assim continuei lá estudando.

Nessa época a gente ainda morava na fazenda quando Goiânia começou a ser construída. Por volta de 1939 estourou a guerra e essas irmãs foram muito perseguidas pela polícia do Brasil. Achavam que lá no colégio elas tinham rádio que comunicava com a Alemanha. A gente teve que sair do colégio e foi quase um ano perdido por causa disso. As irmãs foram perseguidas durante a guerra, mas depois o colégio voltou a funcionar. Mudou a direção, as freiras alemãs não eram mais diretoras do colégio, eram simplesmente professoras. Depois a polícia chegou à conclusão que não tinha nenhuma espionagem e nós continuamos a estudar lá. Por sinal era um colégio muito bom: fiz os meus quatro anos primários, mais dois anos complementares. Os quatro anos normais eu fiz numa escola Normal, depois, em Goiânia. Mas o colégio era um colégio muito bom. Tinha dois pavimentos, tinha aula de música. Meu pai nos botou para aprender a tocar violino, mas só que a minha professora era alemã e parece que não tinha muita paciência, me esfregava lá na parede com violino e tudo e eu nunca aprendi a tocar violino. Acho que eu tinha nessa época oito anos.

Quando eu tinha assim uns dez anos nós fomos morar na cidade. Não tinha nada quando nós chegamos lá. Só tinha um cinema, as ruas só tinham o seu traçado... Nós ficamos morando no bairro de Campinas, que era uma cidadezinha antiga. Ficamos morando lá, e de lá a gente acompanhou a construção da cidade de Goiânia.

Quando eu tinha já uns quinze anos nós fomos morar em Goiânia, que já era uma cidade, já tinha sido inaugurado como a nova capital de Goiás, né? Nós fomos morar numa casa perto do Ateneu Dom Bosco, mas não era casa do meu pai, era uma casa alugada, uma casa pequena. A gente ficava lá estudando e nessa época estava no auge da guerra e a gente acompanhava tudo pelo rádio, não tinha televisão. De maneira que a gente acompanhava tudo então, eu era mocinha, tinha uns quinze, dezesseis anos, e sabia todos os pontos da guerra: a batalha de Stalingrado; quando os americanos, os ingleses, os franceses invadiram Berlim, a capital da Alemanha...

Quando a guerra acabou eu tinha dezessete anos e tive o meu primeiro namorado. Era um moço lá de Goiânia mesmo, mas meu pai era muito severo, muito brabo, muito antiquado, não deixava a gente sair de casa para namorar. A gente namorava tudo na base do escondido. Ele ficava me esperando na esquina do colégio da Escola Normal onde eu estudava, e assim foram-se uns dois anos. Depois a gente terminou o namoro porque ele foi embora para Belo Horizonte estudar engenharia porque em Goiânia naquela época só tinha faculdade de Direito e a Escola Normal, mais nada, não tinha faculdade nem universidade, nada. Mas o meu pai era muito brabo, muito severo, a gente não tinha liberdade de conversar em casa a respeito de namoro, nós não podíamos ir à festa, não fomos a um baile de carnaval, nada, ele não deixava.

Eu sei que quando eu tinha vinte e um conheci o meu marido, que era do Rio de Janeiro. Chegou lá a serviço do DASP, era uma antiga repartição que hoje não tem mais, ligada ao Ministério da Fazenda. Chegou para realizar um concurso, que até

eu estava inscrita, mas não fiz as provas porque não tinha estudado. E foi um drama dos quarenta porque meu pai brabo demais, a gente ia ao cinema escondido, meu irmão ia com a gente porque ele era meninote, uns oito ou dez anos. A gente dava balinha para ele e ele acompanhava. Mas ele se sentava lá na ponta dum banco bem na frente e deixava a gente lá atrás com o namorado e nunca dedurou ninguém.

No dia em que ele apareceu para pedir o casamento, marcou que nove horas estaria lá em casa. Meu pai botou o terninho dele e tal, minha mãe fez doce e ficou esperando. Quando foram nove horas em ponto, ele bateu o pé lá no alpendre da minha casa. Minha mãe olhou para ele e disse: “Esse forasteiro tem cara de casado lá no Rio de Janeiro, que ninguém conhece.” Aí ele tirou tudo que foi documento que ele tinha de dentro de uma maleta preta e foi mostrar para o meu pai, desde as fotografias da mãe dele, do pai, certidão de nascimento, carteira de trabalho, aonde trabalhava... Meu pai com os óculos na ponta do nariz examinou tudo. Mesmo assim meu pai, não satisfeito, mandou um mensageiro no Rio de Janeiro, na repartição aonde ele trabalhava, para saber quem ele era, quem era o dito cujo. Assim, são quarenta e sete anos de vida em comum.

Fui morar no Rio de Janeiro, achei péssimo. Sentia muita falta da minha mãe, da minha família. Fui morar em um apartamento em Ipanema, um apartamento de fundo... E eu que estava acostumada lá com a minha casa, que era uma casa grande em Goiânia, com minha família muito numerosa, a casa muito cheia, tudo movimentado, de repente me vi dentro de um apartamento de fundo lá em Ipanema com o meu marido, que saía cedo para trabalhar e só chegava muito tarde da noite. Chorava até. Até que um dia ele cansou de me ver tanto chorar e pediu uma requisição e a gente foi morar em Goiânia. Isso foi no ano de 1952, quando nasceu a minha primeira filha. Em Goiânia eu tive três filhos, morei em Goiânia depois oito anos.

Depois, quando surgiu Brasília... Meu marido estava lá em Goiânia requisitado, todo ano ele tinha que ir ao Rio de Janeiro renovar a requisição, senão a gente tinha que voltar para o Rio e eu não queria saber do Rio de Janeiro de maneira alguma.

Brasília eu achei bom porque era perto de Goiânia e ficava fácil para eu ver a minha mãe, a minha família. Foi em 1961, eu vim para Brasília, a minha filha mais velha tinha nove anos, meu segundo sete, meu terceiro três e aí a última nasceu aqui em 1962 no Hospital de Base.

Brasília, naquele tempo ainda estava no começo, eu fui morar na Asa Norte. A rua que eu morava nem era calçada nem nada. Hoje, onde é o Hospital Presidente Médici, tinha uma casinha ali que vendia frango. A gente atravessava e ia comprar frango. Não tinha asfalto, o supermercado era debaixo dos pilotis do bloco 3, bem lá na ponta. A gente não tinha carro, era uma dificuldade danada, a gente fazia as compras debaixo desse prédio que era um supermercado. Mas eu gostava.

Em 1962 quem estava no governo era o Jânio Quadros. E eu sei que aquela mania... Parece que ele era meio louco, queria implantar uniforme para os funcionários públicos, parecia um uniforme de safari: bermudão de jeans e casaco abotoado na

frente. Meu marido ficou apreensivo com medo de ter de abandonar o terninho dele para ter de usar este uniforme para ir trabalhar, não aceitava a ideia. E o lema de Jânio, acho que é lema mesmo, era uma vassoura. Que era para varrer a sujeira de todo o mundo aí. Quando ele fazia discurso na televisão aparecia todo mundo com vassoura na mão nos comícios e depois, quando não dava certo, era vassourada para todo lado, era uma coisa de doido.

Depois do Jânio veio o João Goulart, foi deposto e tomou posse aí a junta militar que ficou quase vinte anos, governando aí, trazendo o povo tudo debaixo do chicote. Ninguém podia falar nada, ninguém tinha liberdade de expressar, todo mundo ficava morrendo de medo, foi uma perseguição total, foram banidos vários brasileiros para fora. Ainda bem que naquela época o meu filho era pequeno senão ele estava envolvido, teria sido banido, e até hoje ainda estava para lá.

Mesmo assim ele ainda pegou o restinho da ditadura. Eu lembro bem que uma vez ele estava lá na UnB, aquele secretário americano, o Kissinger, estava lá com o Leitão de Abreu, não sei que foi fazer lá, palestra, uma reunião não sei o quê, e jogaram ovo em cima do homem lá, na careca do homem, em cima do Kissinger... Eu sei que foi uma confusão danada, a polícia chegou, fotografou todo mundo, e o meu filho já estava rapaz... Eu sei que aqui em casa umas três ou quatro vezes vinha oficial de justiça aqui trazendo intimação, mas eu nunca cheguei a... Eu assinava a intimação com outro nome, nunca botei o meu nome, e falava que ele não estava, foi um tempo difícil.

Agora hoje eu já estou com sessenta e nove anos, meu marido com setenta e sete, não está bem de saúde, mas estamos levando. Eu tive quatro filhos, tenho seis netos, o mais velho com 22 anos, os dois últimos, gêmeos, com seis anos. Tenho um neto que sempre está mais comigo, o Pedro, que gostava que eu contasse estórias do meu pai lá na fazenda.

Eu não espero muita coisa da vida agora não. Eu só queria passear, eu gosto de passear, fazer uma viagem, e ver todo mundo bem de saúde, feliz, trabalhando, só isso, se Deus quiser e levar a vida em frente.

3 | ANÁLISE DAS CATEGORIAS SOCIOLÓGICAS

A principal categoria sociológica identificada na história de vida de Dona Zita é a instituição família. Tendo sua origem no meio rural, a figura do avô e principalmente do pai é marcante em sua descrição. O conceito de família patriarcal pode ser bem empregado para a conformação dos significados expressos pela entrevistada.

A instituição família patriarcal assentasse sobre uma estrutura agrícola de produção e, enquanto núcleo da sociedade rural é geralmente numerosa, estabelecendo laços de solidariedade, respeito e fidelidade entre seus membros. A divisão de trabalho entre os gêneros é precisa, cabendo às mulheres a organização da economia doméstica que cumpre papel fundamental para o desempenho das

atividades de trabalho dos homens. Enquanto cabem a estes a segurança e a manutenção do núcleo familiar, desenvolvendo as atividades laboriosas no mundo exterior desafiante no mundo-vida das relações sociais de trabalho entre atores diversos e distintos, cabe às mulheres o mundo do lar, rotineiro, circunscrito. Por isso mesmo, o pai é a autoridade máxima, que os membros da família devem respeito, obediência e cultivam devoção.

A família patriarcal é conservadora na manutenção dos valores, tradições e instituições. O casamento tem especial significado, ocorrendo, geralmente, muito cedo para os jovens. Este foi o caso dos avós paternos da Dona Zita e, de certa maneira, de seus pais. As investigações e desconfianças que precederam seu próprio casamento revelam um alto significado atribuído a esta instituição. Comumente as famílias patriarcais, sendo de base rural e detentora de posses e propriedades no campo, percebem no casamento um vínculo duradouro entre o casal na garantia da legitimidade da descendência e na acumulação e transferência de patrimônio por meio da instituição herança, própria de um sistema social que tem por base a propriedade privada dos meios de produção. A história de vida da Dona Zita corrobora este significado ao descrever as mudanças ocasionadas pelo falecimento dos avós na situação de vida de sua família.

Mas os pais de Dona Zita revelaram serem portadores de algumas mudanças com relação às tradições. De especial significância revela-se a postura do seu pai com relação à formação educacional das filhas. Sendo homem de poucas letras, mas de espírito empreendedor que busca acompanhar em alguns aspectos novas oportunidades e tendências, não mediu esforços para que as filhas recebessem uma educação formal de qualidade em colégios internos de tradição, mesmo vivendo e trabalhando na fazenda, longe da cidade. Assim, a educação, enquanto categoria sociológica de análise, ganha destaque no depoimento da entrevistada. Interessante notar a dubiedade de seu depoimento com relação à atmosfera dos colégios em que esteve interna afastada de seus pais. Ao mesmo tempo em que se refere às freiras com certa afeição, descreve a instituição escola da época de sua infância como rígida e severa, ainda que não mencione castigos físicos.

A continuidade dos estudos em Goiânia, no curso Normal de formação de professoras, atende a distinção tradicional de formação diferenciada de gêneros. A mulher, mesmo preparando-se para o desenvolvimento de uma atividade de trabalho fora do lar, tem um horizonte prelimitado e afeto a funções que lhe seriam “inerentes” segundo a moral patriarcal dominante, qual seja a de educar jovens e crianças. Nesta perspectiva compreende-se o fato de a Goiânia da época apenas possuir essa opção de formação para as mulheres, e somente o curso de Direito para os homens. Por sinal, esse fato é revelador do caráter bacharelesco da educação masculina das elites rurais brasileiras, cujo título representava uma distinção social no horizonte de uma sociedade que, se já se encontra em processo de urbanização - a construção da nova capital do estado assim o indica -, apresenta-se ainda predominante rural em suas

atividades econômicas e na mentalidade da vida social.

A postura do pai da depoente é interessante no revelar do seu perfil enquanto representante da elite rural goiana, segmento social ainda pouco estudado e que se resente de uma conceituação mais precisa e adequada em termos sociológicos, uma vez que afirmamos a tese que o conceito de coronelismo aqui não se aplica de modo cabal, ainda que guarde semelhanças em alguns aspectos.

O termo “coronel do sertão” é identificado na historiografia brasileira como um título concedido a oligarquias nordestinas - cuja origem remonta aos senhores de engenho do período colonial - que, no período do Império e da República Velha arregimentavam seus trabalhadores como forças-tarefas para empreendimentos de caráter militar, atendendo aos pedidos e ao mútuo interesse político com o governo central. Normalmente ajudavam no combate a rebeliões de caráter popular, como o combate ao cangaço. O coronel era o sinônimo do grande latifundiário improdutivo, cuja renda e poder era proporcional à quantidade de trabalhadores que viviam em suas propriedades como agregados, meeiros e parceiros, cujo trabalho era apropriado e a produção rural de subsistência. O caráter de servidão das relações sociais desenvolvidas chegou a levar alguns sociólogos, como Alberto Passos Guimarães e Nelson Werneck Sodré, a considerá-las como indicativos da ocorrência de um modo de produção feudal em terras brasileiras.

Não nos estenderemos nesta temática pois o método da história de vida não generaliza nem propõe teorias. Nossa intenção é tão somente rejeitar a aplicação de um conceito, o coronelismo, pois significaria uma inadequada transposição mecânica para a análise das elites rurais de Goiás, ou mais especificamente, do perfil sociológico revelado pelo pai de dona Zita.

Como fazendeiro que trabalhou arduamente, inclusive no trabalho braçal, esse sujeito social, no retrato revelado por sua filha, apresenta contradições e dubiedades em sua postura.

Em primeiro lugar cumpre ressaltar o seu espírito empreendedor, indicado na descrição quando troca a atividade com o açúcar para o trato com a pecuária. Esta, ainda que praticada de forma extensiva, como sugere a descrição, somada a herança de terras, constituiu-se no principal fator de enriquecimento da família de dona Zita, ao que parece, desde os seus avós. A engorda de bois, em um momento de incremento das atividades urbanas - a depoente foi testemunha da construção de duas capitais, Goiânia e Brasília - vai se constituindo cada vez mais em um empreendimento altamente lucrativo, haja vista o crescimento do mercado consumidor na região. Tal apontamento parece ser uma das explicações da luta pelo domínio da propriedade da terra e o vigor com que o pai de dona Zita se dispôs a empreender. A narrativa também é indicativa do quadro caótico em termos de regularização fundiária no interior de Goiás e da incompetência do Estado.

A semelhança com o coronelismo nordestino fica por conta do trato com os trabalhadores rurais. A exploração de classe e a apropriação do trabalho marcam

as descrições que revelam a dureza do regime e da jornada de trabalho. A própria depoente faz esta constatação, até certo ponto contraditória pelo fato de ser filha e herdeira de seu pai, a quem a todo o momento descreve com grande admiração. Em suma, não foi apenas o trabalho do fazendeiro e as heranças recebidas que fizeram a sua fortuna. Esta repousa também na crueldade das relações de trabalho impostas como proprietário àqueles que nada tinham e a que tudo se submetiam, marca característica da formação social brasileira.

Também se assemelha às oligarquias nordestinas o caráter de relacionamento cordial com os trabalhadores, nos momentos festivos e religiosos. Esta dubiedade, na verdade, é uma característica das oligarquias brasileiras que se expressam principalmente nas relações de compadrio que se estabelecem entre senhores e despossuídos, fato identificado no depoimento de Dona Zita. Nesses momentos, fora da relação de trabalho, é que os trabalhadores são percebidos como semelhantes pelos patrões, estabelecendo laços afetivos que, em última instância, terão o sentido de buscar uma maior lealdade dos mesmos para com os proprietários. Lealdade esta que será posta à prova, principalmente, nos momentos de conflitos armados por disputas de terras com outros fazendeiros, como assinalam as situações descritas pela entrevistada.

4 | CONCLUSÃO

Infere-se as potencialidades do método de história de vida na análise de referências empíricas de conceitos sociológicos, afirmando-os e/ou negando-os em sua capacidade de explicações generalistas sobre o real. A Escola de Chicago como que inaugura as microssociologias.

A partir do depoimento de Dona Zita e de sua análise percebe-se as limitações do método, mas também as suas potencialidades, que o transcendem. A memória social, o processo de construção da identidade, elementos de história oral, traços das raízes da cultura popular até então não registrados ou analisados vêm à tona e se tornam parte do presente, constituem-se em legado e fio condutor para a análise das atuais e próximas gerações de cientistas sociais.

REFERÊNCIAS

CUIN, C-H.; GRESLE, F. **História da Sociologia**. São Paulo: Ensaio, 1996.

MALINOWSKI, B. Introdução: o assunto, o método e o objetivo desta investigação. In: DURHAM, E. R. (Org.); FERNANDES, F. (Coord.). **Malinowski: Antropologia**. Vol. 55. Coleção Grandes Cientistas Sociais. São Paulo: Ática, 1986.

ÍNDICE REMISSIVO

A

Artesanato 308, 309, 310, 311, 312, 317, 318, 319

Avicena 210, 211, 212, 213, 214, 215, 216, 217, 218, 219, 220

B

Bem-estar 170, 171, 172, 176, 178, 182, 183, 222, 290, 292, 293, 294, 295, 296, 297, 298, 299, 300, 301, 302, 303, 304, 305, 306

Big data 190, 191, 192, 193, 194, 195, 196

C

Coleta de dados 33, 129, 146, 148, 282, 283, 284, 285, 286, 287, 288, 289

Competitiveness 190

Conflitos emocionais 33, 36, 37, 43

D

Desenvolvimento sustentável 242, 243, 244

Design 57, 58, 59, 62, 241, 290, 291, 292, 298, 305, 306, 318

Didática 13, 14, 16, 19, 129, 203

Direito e Arte 230

Disposições sociais 157, 162, 163

E

Educação do campo 261, 267, 268, 273

Ensino de ciências 13, 14, 15, 16, 17, 18, 19, 20, 21, 155, 272, 273

Ensino técnico integrado 82, 94

Entrevista 4, 12, 37, 65, 71, 72, 73, 78, 86, 87, 102, 113, 197, 208, 226, 246, 282, 283, 284, 285, 286, 287, 288

Envelhecimento 157, 158, 159, 160, 161, 162, 163, 164, 165, 166, 167, 168, 169

Ergonomia 57, 58, 59, 62

Estética da recepção 4, 5, 52

Estrutura familiar 72, 73, 79, 117, 121

F

Famílias homoafetivas 117, 118, 122

Felicidade 181, 290, 292, 293, 294, 295, 296, 297, 298, 299, 300, 301, 303, 304, 305, 306, 307

Filosofia árabe 210

Formação do leitor 45, 46, 47, 55

Fracasso escolar 66, 67, 69, 72, 80, 86, 93, 94, 95, 106, 108, 109, 110, 111, 116, 262

G

Gêneros digitais 96, 98, 99, 101, 103, 104

Geometria espacial 146, 147, 154, 155

H

Hanseníase 221, 222, 223, 224, 225, 226, 227, 228, 229

História de vida 249, 250, 257, 258, 259, 260, 285, 286

L

Letramento 45, 46, 48, 49, 50, 51, 52, 53, 55, 56, 96, 97, 98, 99, 100, 101, 102, 103, 104

Letramento digital 96, 98, 99, 100, 101, 102, 103, 104

M

Momentos pedagógicos 146, 148, 154

Motivação 54, 73, 78, 79, 89, 92, 109, 127, 177, 178, 265, 270

Música 7, 10, 18, 33, 34, 35, 36, 37, 40, 42, 43, 44, 124, 254, 255

O

Observação relacional 197, 199, 200, 201, 202, 203, 204, 205, 206, 207, 208

P

Plano de Conteúdo (PC) 133

Plano de Expressão (PE) 133

R

Rejeição 221

Rendimento escolar 76, 106, 108, 109, 111, 112, 113, 114, 115

S

Superação 66, 84, 127, 128, 129, 131, 178

T

Técnica inovadora 22, 23

Terapia Assistida por Animais (TAA) 170, 172, 184, 186, 187, 188

Tratamento intensivo 22, 23, 25, 30

Agência Brasileira do ISBN
ISBN 978-85-7247-718-5



9 788572 477185